



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 76 - LISBOA

COMEÇARAM a ser reparados os pavimentos de algumas ruas da nossa freguesia, o que muito nos apraz registrar.

Chegará também a vez à Travessa da Boa Hora? Não é por falta de reclamações, que tal se não tem verificado. Durante todo o inverno aquela artéria esteve transformada em lago.

NA passada quinta-feira, esteve em festa o lar do nosso prezado amigo António Pratas, que nesse dia passou o seu aniversário natalício.

Por esse motivo, felicitamos o brilhante jornalista, a quem auguramos as maiores venturas.

DEPOIS do 14 de Julho, alegre, ruidoso, e que lançou nas ruas de Paris à volta de dois milhões de indivíduos, celebraram-se a semana passada, em França, a anual romagem ao campo de batalha e ao cemitério que guarda as ossadas dos 400 mil mortos de Verdun, romagem silenciosa, fúnebre e sem discursos, que seguiu, muda e triste, o caminho que conduz à «trincheira das baionetas»!

Por ali passaram, lembrando a trágica noite de Verdun, 20 mil mutilados franceses, alguns inutilizados para sempre, antigos combatentes ingleses, portugueses, americanos, italianos e até alemães!...

É sempre bom lembrar datas como esta. Mas melhor seria que os homens, lançando um olhar retrospectivo à história de há 20 anos, e com tantos exemplos na frente, ardeassem do seu caminho as misérias que os cegam, e as ideias de domínio que os brutalizam!

Isso é que seria razoável, justo e humano!

CONTINUAMOS a receber prendas destinadas à queremessa que funciona na Verbena da Memória, a favor do Jardim de Infância da Ajuda. No próximo número começaremos a publicar o nome das pessoas que têm feito tais ofertas.

A árvore, a vida e a morte

Há! a estranha magia dessas árvores frondosas que alagam em sombra os vales amenos, ou que se recortam, no doirado mórbido do crepúsculo, sobre as altas montanhas, como fantasmas de sonhos milenários!

A árvore tem sempre um encanto singular — é um símbolo de doçura e de tranquilidade, símbolo da vida e da morte.

Símbolo da vida na primavera, quando se engalana de folhas viridentes e tem algo de noiva aguardando invisíveis carícias; símbolo da morte no inverno, quando seus galhos se desfolham e ficam nus e crispados, erguidos suplicantes para o alto, como braços de naufragos.

E a árvore, então, triste e desolada, dir-se-á aguardar que vamos buscar ao seu tronco as quatro tábuas que nos devem servir de esquite — essas mesmas tábuas que ao tronco anónimo doutra árvore alguém, na primavera, foi buscar para construir o nosso berço.

Síntese da própria alma humana, como a alma a árvore tem viço e ressume energias sob a luz criadora da manhã, entre o despertar da vida para a luta eterna — mas logo que a tarde desce mansamente, que lentamente a noite se avizinha, a árvore, ante a agonia do sol, torna-se triste, melancólica, e enche-se da mesma renúncia e da mesma resignação do dia que vem de envelhecer.

Para quanta gente uma árvore constitui a única visão querida da vida — uma árvore que se vê ao longe, desde as grades dum manicómio ou dum presídio, desde o portigo dum sanatório ou duma água-furtada, onde há homens inutilizados para a vida, homens que só aguardam o beijo eterno da morte!

Elemento sublime da natureza, a árvore tem na vida humana um papel salientíssimo, está em todas as aplicações da indústria, fomenta todo o nosso conforto, deslumbra-nos com a prodigalidade de seus frutos e, na velhice, vai desfazer-se em luz, nas lareiras humildes, como dizia o poeta, ou vai, de sacrifício em sacrifício, transformar-se em pasta, adelgaçar-se até ser papel, que

(Continua na página 8)

Foto-Cinema

RETRATOS DE ARTE
PREÇOS POPULARES

As mais sugestivas posições e deslumbrantes efeitos de luz, dentro e fora do atelier

A mais rigorosa execução de todo o género de fotografia

Ampliações de retratos antigos e modernos e esmaltes vitrificados em todas as cores
6 FOTOGRAFIAS. FORMATO PARISIENSE, 10500 RECLAME - 1 CINEFILO 18x24. \$500.
RETRATOS PARA PASSE E OUTROS DOCUMENTOS, Duzia, com brinde. \$500
Grande sortido de molduras em todos os formatos. Oferta de uma artística ampliação, em cores naturais, aos nossos clientes.

Só na FOTO CINEMA, Rua do Sacramento, 26, 1.º

EXECUTAM-SE TRABALHOS PARA AMADORES

DA distinta direcção do valeroso Casa Pia Atlético Clube, recebemos um captivante officio de agradecimento pelas referencias que à sua colectividade fizemos.

É tal a simpatia que nutrimos por esse punhado de antigos casapianos, que muito desejamos para o seu prestante Clube, as maiores glórias.

«O Comércio da Ajuda», será o seu amigo de sempre.

A Sociedade Esperantista «Nova Sento», que tem a sua sede na Travessa da Boa Hora, 42, 2.º, resolveu em sua reunião, abrir um curso feminino de Esperanto, completamente gratuito.

A ideia é muito louvável. Que todas as raparigas, que todas as senhoras da Ajuda que disponham de uns momentos, se inscrevam, pois só vantagens adquirem com tais conhecimentos.

É digna de louvores a direcção da «Nova Sento», a quem por tal motivo felicitamos.

OS italianos têm fuzilado diversos etíopes, sob a acuação de traidores.

Entre essas vítimas figura o célebre tambor da guarda do Négus, Batalur.

Esta classificação de traidores parece-nos errada, servindo apenas para justificar a aplicação duma pena, que seria substituída pelo maior galardão se fôsse o governo etíope a julgar.

Pode porventura acuzar-se de traidor aquele que na sua pátria, procura defendê-la? Traidores seriam eles entregando-se ao invasor, sem condições.

Como as classificações mudam conforme os juizes! E como a sorte é diversa conforme as circunstâncias!

Pobres etíopes que tudo têm que sofrer, porque não têm meios de defesa!

ENTROU no IV ano de publicação o nosso prezado colega «Noticias de Ourém», ao qual, por esse motivo, felicitamos, desejando-lhe longa vida.

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

De vez em quando...

Ajuda é talvez a única filha de Lisboa que não tem um jardim público, onde os seus habitantes possam passar algumas horas da noite.

Porquê? Não sabemos.

Enquanto se não deita abaixo os espantalhos dos piueiros, que vão da Calçada da Ajuda ao Largo do mesmo nome, não se poderia ajardinar o Largo da Boa Hora?

Seria mais um melhoramento, para o qual pedimos toda a atenção das entidades oficiais do nosso bairro.

O nosso Jardim Botânico, cuja reabertura ao público foi ardentemente desejada por todos, encontra-se, com respeito à frequência, quasi *às moscas*, como qualquer *calhambéque* cinematográfico que só exhiba filmes *béras*. Um ou outro namorado, fugido às furiais iras da futura sogra que não deixa a *miúda* chegar à janela a qualquer hora, e que para ali vai dar expansão á sua dôr; uma ou outra rapariga não *comprometida* e que deseja ardentemente que a *comprometam*, isto é, que a namorem; e três ou quatro *meninos crescidos*, eis os frequentadores quotidianos dêsse local tão aprazível!

Onde estareis vós metidas, nêstes dias caniculares, simpáticas, ternas, melifluas, congenitas e antifugísticas leitoras, que não ides fazer um pouco de companhia às mimosas florinhas do Jardim, vossas irmãs?

Muito simpáticas as senhoras que ás segundas, sábados e domingos vêm na barraca da venda de rifas, a favor daquele filhinho querido de D. Ilda Jorge de Bulhão Pato, que se chama Jardim de Infância da Ajuda. Que nome lhes havemos de dar, senão o de flores? Não vos cause isto admiração, leitores amigos, porque mulheres e flores são uma e a mesma cousa; a mesma idéa e o mesmo pensamento.

Umas, as flores, ostentam-se viçosas

e encantadoras, mostrando nas côres que as adornam, belezas incomparáveis, ao mesmo tempo que nos inebriam com os perfumes apurados que de si se desprendem. Brillam, porém, num espaço limitado que se chama jardim e murcham e morrem mal começam a viver.

As outras, as mulheres, quando no florir da vida, são de atractivos e belezas tais que, como déspotas, dispõem sem restricções do nosso destino e muitas vezes até da nossa vida; exaltam os nossos sentimentos de modo que ás vezes ficamos, mais que inebriados, loucos de um contentamento escutando-as. E' por isso que as palavras, por muito pomposas e poéticas que sejam, são notas dissonantes para descrevê-las e descrever o que sentimos. Brillam elas num espaço mais vasto, num círculo onde se revolvem de contínuo as paixões, os ódios e, enfim, todos os maus e bons sentimentos; e no meio de tudo, contando com vida muito mais prolongada que as flores, têm o dom de conseguir milagres que ás vezes as transformam em verdadeiras heroínas!

Ambas se entrelaçam e formam um conjunto de beleza e poesia incalculáveis. Ambas são os ornamentos das festas e são dotadas da mesma pureza. Ambas, finalmente, parece que vivem sempre ciosas dos seus atractivos!

Concluindo, diremos ainda que representam elas uma e a mesma cousa; que exprimem a mesma idéa e o mesmo pensamento — formosura e graça.

Queiram perdoar-nos este passeio, agradável embora, pela região dos devaneios: porém, as senhoras do Jardim de Infância merecem estas singelas, mas francas, palavras.

Daqui, visto que nos é impossível fazê-lo doutro modo, para que o nosso incognito não possa ser desvendado, queiram V. Ex.^{as} receber as melhores saudações e um aperto de mão do

NENIU.

ESCOTEIROS DE PORTUGAL**Comemoração do 2.º Aniversário do Grupo 94**

No passado dia 8 do corrente, o Grupo dos Escoteiros de Portugal n.º 94, realizou na sua sede, na Calçada da Ajuda, 207, uma festa comemorativa do seu segundo aniversário.

Verificou-se o compromisso de honra por cinco aspirantes, passagem á segunda classe de cinco escoteiros, com entrega de insignias, estrelas de serviço e exposição de trabalhos manuais, tendo usado da palavra os Ex.^{mos} Srs. Joaquim Rosa Baptista, que presidiu e Eduardo Moreira, que amavelmente acedeu ao convite de colaborar na festa, com o valor da sua oratória.

Dignaram-se também assistir a Comissão Executiva da Associação dos Escoteiros de Portugal, e os Ex.^{mos} Srs. Coronel Pope e Hans Lanz, a quem foram entregues diplomas de sócios honorários.

Em homenagem ao glorioso aviador Tenente Plácido de Abreu, nascido na Freguesia da Ajuda, foi dado o seu nome, á patrulha sénior deste grupo.

Uma comissão de senhoras, da qual fizeram parte as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Júlia Maria de Araujo e D. Esperança M. Safera Costa, muito gentilmente ensaiaram os côros, dialogos e outras recitações.

«O Comércio da Ajuda», saudando o Grupo de Escoteiros n.º 94, agradece reconhecido o convite que lhe foi enviado.

Clínica Dentária da Ajuda

C. da Ajuda. 183, 2.º-Esq.

Consultas das 10 ás 12

e das 14 ás 19 horas

Prótese em ouro e vulcanite pelos mais modernos processos

PREÇOS MÔDICOS

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCERIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

concentra-se também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 15

TELEFONE BELEM 520

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone Belém 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

Carrilho Xavier

Doenças das senhoras
Clínica geral e partos
às 5 horas

Medina de Souza

Interno dos hospitais
das 17 às 19 horas
Coração e pulmões — Clínica geral

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa
Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

*A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos*

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

De Relance...

Pelo relato da assembleia geral, da Companhia das Aguas, realizada em 11 do mês p. passado, ficámos sabendo que a água que passa aqui à nossa porta, a caminho de Oeiras, é lhe fornecida a 80 centavos cada metro cúbico!

E nós que a pagávamos de boa mente a 2 escudos, não nos podemos utilizar dela.

Já é pouca sorte!

* * *

Reclamava-se no número anterior deste quinzenário, contra a falta dum marco fontenário na Calçada da Memória.

Damos-lhes muita razão, embora consideremos isso já uma coisa anti-guada para uma cidade capital dum País civilizado, mas gostávamos de saber o que diria o reclamante, se soubesse que a Junta de Paroquia da nossa freguesia já em Agosto de 1910, fez igual reclamação, sem que fôsse atendida até hoje.

Se as dezenas de paroquianos que desde aquela data têm passado pelas cadeiras da Junta, morassem todos em locais que fossem abastecidos de água convenientemente, diríamos que era porque, estando servidos, não se importavam com o mal dos outros, e não exigiam os melhoramentos necessários; mas não tem sucedido assim. De muitos sabemos que estão em iguais circumstancia do que nós outros.

Então a que atribuir tal desleixo, que bem se pode considerar crime?

A' brandura dos nossos costumes, diz-nos aqui o visinho do lado; e tem razão.

Fresina.

Cooperativa de Crédito e Consumo «Aliança Operária»

Bastante animadas e com farta assistência têm decorrido as festas comemorativas do 48.º aniversário desta importante e conceituada Cooperativa, que tem a sua séde própria na nossa freguesia.

Os festivais, têm sido efectuados no salão do prestimoso Ajuda Clube, gentilmente cedido pela sua direcção.

No passado domingo, teve lugar uma sessão solene, presidida pela grande figura cooperativista nacional e internacional, Ex.^{mo} Sr. Dr. Raul Tamagnini, que a convite da comissão promotora das festas, se deslocou do Porto, cidade onde reside.

Aberta a sessão, foi lido bastante expediente. Fizeram-se representar por delegados directos as seguintes Cooperativas:

«Pessoal da Fábrica de Chelas», «União Libertadora», «Fraternidade Operária Ajdensed», «Economia Emancipadora», «Popular Barreirense», «Padaria do Povo», «1.º de Abril de 1917», «Xabreguense», «2.ª Comuna», «18 de Março», e «Crédito e Consumo de Carnide». Também o Ajuda Clube, enviou um delegado.

Em nome da comissão das festas, o seu presidente, sr. João Romano, agradeceu aos representantes das colectividades a sua presença, bem como o auxilio que a mesma recebeu de grande número de pessoas.

Seguidamente foram distribuidos a 10 crianças pobres, fatos e calçado, gesto que muito enterneceu a numerosa assistência.

Também uma comissão de senhoras, representando grande número de esposas de sócios, fez entrega à Cooperativa «Aliança Operária» dum rico estandarte bordado a seda, com uma figura representando o Cooperativismo Internacional.

Ao estandarte do Ajuda Club, foi oferecida uma linda facha, como preito de homenagem da Comissão das festas.

Após estas cerimónias, todas as atenções convergiram para o expoente máximo do Cooperativismo nacional e internacional, Ex.^{mo} Sr. Dr. Raul Tamagnini, que durante 1 hora, prendeu a assistência com uma lição sobre «Cooperativismo», sendo escutado no maior silêncio, recebendo ao terminar a sua brilhante oração, uma entusiástica salva de palmas, que se prolongou por algum tempo, executando a orquestra nessa altura, o hino da Cooperativa «Aliança Operária», que a seguir foi visitada por todos os presentes, onde no meio da maior alegria foi inaugurado um lindo quadro com a escala de serviço a que ficam sujeitos todos os associados e que foi oferta do Sr. Virgilio Ferreira.

Seguiu-se o descerramento de 3 retratos dos brilhantes paladinos do cooperativismo internacional. Professores Dr. Totomianz, Dr. Alfred Nast e Dr. Raúl Tamagnini, que ao observar aquela sentida manifestação prestada aos seus prestimosos colegas, se confessou muito sensibilizado, mas comovido, por já não pertencer ao número dos vivos um dos homenageados. A S. Ex.^a, bem como a todos os presentes, foi servido um finíssimo «copo de água», tendo sido levantados muitos brindes, especialmente à Cooperativa em festa e Comissão promotora das mesmas, que foi incansável na organização do vasto programa, que em todos deixou a mais grata recordação.

«O Comércio da Ajuda», que se fez representar, felicita a Cooperativa «Aliança Operária» e agradece à Comissão promotora a gentileza da oferta de 4 senhas destinadas a crianças pobres nossas protegidas.

AGRADECIMENTO

Albertina da Silva G. Lima, Maria do Espirito Santo da Silva, Maria Isabel da Silva, seus maridos e filhas, agradecem a todas as pessoas a piedosa presença ao funeral da sua extremoso mãe, avó, sogra e tia.

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,

é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Provincia

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE BELEM 237

LISBOA

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telf. Belem 552 (antiga Merceria Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Até menos a título de curiosidade faz uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece.

Do sitio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda

(Continuado do número anterior)

Do lado oposto, estavam Sua Magestade Fidelíssima e toda a Corte, de grande gala.

Enquadrando a figura corpulenta e um pouco obesa del-Rei viam-se: a Rainha Dona Mariana Victória, a Princesa do Brasil, futura Dona Maria I, seu marido, o Infante D. Pedro, as outras três Infantas — salientando-se por sua beleza peregrina Dona Maria Benedita — o Sr. D. João da Bemposta, a Camareira-mór, o Marquês-barão, todos os altos cargos palatinos, entre os quais sobressaía o vulto magro e esguio do famigerado Secretario de Estado, conde de Oeiras — dali a pouco feito marquês de Pombal — ostentando a «negrinha» insignia do cargo de Mordomo-mór.

E' impossível dar idéa, por pálida que seja, do deslumbramento produzido pelos raios solares brilhando nos galões das fardas, reverberando nos oiros das mitras, fulgindo nas lhamas das alfaías, coruscando e reflectindo nas espelheiras alabardas, caramelejando no caído das frontarias, realçando o matizado polícromo dos vestidos de tons garridos e variados.

! Só visto!

A' frente de todos, o Príncipezinho D. José, muito lindo, todo de branco — cabeleira empoada, casaca bordada a matiz de tons esmaecidos com botões de opala, gravata de rendas de Malines finas como teias de aranha, sapatos de fivelas de diamantes — muito empertigado, muito senhor de si e de

seu papel de juiz, empunhando a vara de prata maciça, com quasi o dobro de seu tamanho, via aproximar-se a luzida cavalgada a cuja testa vinha o nobre marquês de Marialva — o mais famoso de quantos calções têm sido celebrados em nossa terra — cavalgada que precedia a berlinda em que, desde Rio de Mouro, vinha a imagem da Virgem que mais culto e mais devoção usufruia em todo o Termo, e na pingada dela, em coches del-Rei, os «anjos» — que haviam de entoar as apreciadissimas lóas — o pároco José Joaquim Galhardo e muitos outros eclesiásticos, sacristães, meninos de côro e faquinos.

Quando — ; alfim! — a cavalgada desembocou no extremo norte do largo, foi tamanho o alarido que parecia o fim do mundo.

Repicaram os sinos doidamente, estrelajaram intermináveis girândolas de foguetes (manipulados nas oficinas da ribeira de Alcântara), soltaram-se pombos, emquanto ao longe se ouvia o troar dos canhões da torre de Belém o de duas fragatas ancoradas no sargidouro, salvando em honra da recém-chegada.

Mas quando a berlinda com a pequenina imagem passou por entre a mole da gente, então foi o delírio.

Todos perderam a cabeça, até os mais circumspectos.

Das janelas do Paço caía verdadeira chuva de pétalaa e de confeitos, ao passo que por todo o terreiro se

acenava com lenços e chapéus apoteoticamente.

! Eram dezenas, eram centenas, eram milhares de lenços agitados com frenesi, adejando por sobre aquele imponente oceano de cabeças!

! Eram vivas e victores clamorosos e entusiásticos!

! Era a loucura!

! Todos enrouqueceram à força de victoriar Nossa Senhora do Cabo e de viver o Príncipe seu Juiz!

! Santo breve da Marca!

! Parecia o dia de Juiz!

.....

E esta alegria sã e irreprimível radicava-se nas almas de todos e apossava-se delas até o ponto de poderem confraternizar o dia inteiro na mais completa nivelção que dar se pode.

Esta alegria pura e comunicativa não a podemos nós avaliar hoje por que já não existe.

Morreu pouco depois, quando os homens deixaram de estar irmanados na mesma Fé e começaram de dissociar-se, dividindo-se e agrupando-se ao sabor de ideologias e de corrilhos, que semearam rivalidades, que fizeram brotar odios e que mataram na alma portuguesa a alegria que a caracterizava e era a inveja dos estranhos

V

Na véspera de S. Martinho do ano da graça de 1794 — faz hoje precisamente cento e quarenta e um anos — o fogo ateou no palácio da madeira e

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA
com saídas de
Tabacaria
Perfumaria
livraria
Artigos molares

Calçada da Ajuda, 176
TELEF. B. 757



Instalações eléctricas

EXEUTA
Américo Nor Dias

ELECTRICISTA
PEDIDOS á
C. Ajuda 67/169
Tel. B. 552

onde se tratam todos os trabalhos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA

DE

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 — LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

em poucas horas transformou em imenso brazeiro toda a parte oriental.

Em todos os campanários soaram as trinta e tantas badaladas anunciando incêndio na freguesia da Ajuda.

Mas, a-pesar dos esforços invadidos, a ala do palácio ardeu de lés a lés. As obras para a construção desta mole de pedra que está por trás de mim começaram imediatamente depois. Dois anos e meio antes — em Maio de 1792 — a Santa Igreja Patriarcal, que andara de Herodes para Pilatos desde o terramoto grande, viera instalar-se na Capela Real do madeira, onde se realizaram obras de ampliação e de apropriação.

Construiu-se a torre sineira em pedra lioz (a que depois se juntou o relógio) e o seu carrilhão repicou festivo a vez primeira aos 29 de Abril de 1793, a quando do nascimento da Princesa da Beira, Dona Maria Teresa, filha dos Príncipes do Brasil, D. João e Dona Carlota Joaquina.

Entramos no século XIX que uns elevam ás nuvens, chamando-lhe das luzes, e outros põem de rastos, alchunhando-o de estúpido.

Pode ser que essa centúria tenha merecido ambos epítetos lá por fora. A de dentro das nossas fronteiras o qualificativo que melhor lhe quadra foi-lhe dado por um homem insigne, qua morou muitos anos além naquelle casa e foi bibliotecário régio e fugaz presidente de uma vereação do efémero concelho de Belém.

(Continua no próximo número)

Mario de Sampaio Ribeiro.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

A FESTA DO COLEGIO INSULANO

Decorreu com brilhantismo a festa que se realizou no dia 18 do mês passado no Clube Sportivo de Pedrouços, a favor do cofre de excursões do Colégio Insulano.

Assistiu o professorado das duas freguesias, Belém e Ajuda, e ainda o Director Geral do Ensino Primário, Dr. Braga Paixão.

O programa cuidadosamente elaborado, satisfz plenamente a assistência, que não regateou os merecidos aplausos. Depois de a aluna Maria Suzete Gomes ter proferido algumas palavras sobre os objectivos da festa, abriu o espectáculo com a apresentação do orfão colegial sob a direcção do illustre professor Dr. Francisco Antunes Rodrigues, que cantou muito bem lindas canções da autoria de Tomaz Borba.

Seguiu-se a representação duma interessante comédia dramática do Dr. Ramada Curto, intitulada «Três gerações», que agradou plenamente, sendo interpretada pelas alunas Maria José Correia, Maria Suzete Gomes, Maria Emilia Neves, Maria Celeste Correia e Lia Sabat Jorge.

Representou-se depois, com verdadeiro agrado, o episódio popular em 4 quadros, intitulado «Uma lenda de Santo António», da autoria do nosso estimado colaborador Ex.º Sr. coronel Cardoso dos Santos, musicado pelo maestro Luz Júnior.

Este poema encantador, premiado cada quadro com uma salva de palmas, foi desempenhado pelas alunas acima citadas, nelle colaborando também, Sara da Conceição Azevedo e Maria Eliza Ferreira, constituindo um

lindo grupo de camponesas as alunas Olga Ribeiro, Alzira Quintino, Armada Figueiredo, Isaura Graça, Libertina Brito, Maria Teresa Correia e Cristina Sampaio.

Finalizou o espectáculo um acto de Variedades com a colaboração de todas as alunas.

Acompanhamentos ao piano pela aluna Maria de Lourdes Castelhana Santos, que devido à sua pouca idade bastante nos impressionou.

Seguiu-se um baile que decorreu com bastante animação até de madrugada.

Agradecemos penhoradamente o convite que nos foi enviado.

A TOURADA

Em todas as corridas de touros aparecem três feras, que são: o touro, o toureiro e o público.

O grau de brutalidade de cada um destes brutos, pode calcular-se pelo seguinte: O touro é obrigado; o toureiro obriga-se e o público vai por um acto espontaneo da sua soberana vontade, e ainda por cima dá dinheiro.

Observem esta gradação:

O touro, provocado, defende-se;

O toureiro, fiel ao seu compromisso, toureia.

O público diverte-se.

No touro há força e instinto; no toureiro valôr e destreza; no público não há senão brutalidade.

VITOR HUGO.

VIVIA perto dum riacho um sapo que, por ter adquirido alguma fortuna, se julgava o mais opulento dos bichos.

Um dia resolveu casar-se e pôs este annuncio: «O mais belo e rico dos animais desta região, pretendo arranjar noiva muito bonita». A primeira que appareceu foi a comadre sapa. Tinha lido o annuncio, disse ella, e como elles eram ainda parentes, pensara que não desagradasse ao compadre sapa, aquella união. Mas o compadre sapa

O COMPADRE SAPO

Por MARIA DE SOTTO-MAYOR E ABREU

que aspirava a noiva melhor, ficou muito indignado e respondeu: — «Pois a você meten-se-lhe na cabeça que eu, um animal tão bonito e rico, ia casar com uma sapa pobre e feia? Eu, que posso até, se quizer, casar com princezas?».

A comadre sapa saiu dali muito vexada e triste, pois lá muito gostava do compadre sapa.

A segunda noiva que appareceu, foi a comadre andorinha, mas logo que encaraou com um bicho tão feio, perguntou muito zangada: — «Sabe voar?» E como o compadre sapa respondeu que não, a andorinha disse-lhe: «Pois não basta que você seja um animal tão repugnante, quanto mais não sabendo voar! Eu só casarei com aquele que fór por essas ares fora, cortando elegantemente os ares e saiba construir o seu ninho nos beirais das casas». E foi-se embora, sem ao menos cumprimentar o compadre sapa.

Este, ficou um pouco aborrecido, mas depois pensou: «Para que me serviria uma mulher que andasse sempre a voar e nunca estivesse junto de mim? Deixá-la ir, que mulheres não me hão-de faltar». Em seguida appareceu a comadre borboleta. Ficou também surprehendida quando viu o compadre sapa, mas perguntou-lhe: — «O que sabes

fazer?» E elle respondeu que nada. Então ella indignada disse-lhe: «Pois no casarei com aquelle que me acompanhe nos meus voos pelo ar, indo de flor em flor, pousando até nas mais belas». E voltou-lhe as costas. Nisto, muito apressadinho a comadre aranha. Mediu o compadre sapa de cima aos pés e perguntou-lhe o que sabia fazer. E elle lhe respondeu da mesma maneira que á comadre borboleta, ella disse: «Pois não me serve um marido que trabalhe. E Jexei eu a teia em meio e vim perder-me tempo com um idiota que só quere levar boa vida e sempre rasmungando. afastou-se para ir continuar a teia rompida».

Pouco depois veio a comadre abelha. Perguntou-lhe o que sabia fazer. E elle respondeu o mesmo que ás outras. E ella disse-lhe então: «Pois não sabes fazer nada, imbecil e tólo bicho? Eu casarei com aquelle que saiba ir colher o pólen das flores e transformar em delicioso mel». E como elle não sabia fazer isso, espertou o seu ferrão com toda a força do compadre sapa, que ficou a berrar com dor. Quando ficou só, escaecido por todas, resolveu casando em busca de noiva. Talvez as mulhores das outras fés se apaixonem por mim, pensou elle.

Foi andando, andando, que foi ter a um grande campo coberto de trigo. Pôr que aqui aranje o que

quero, pensou elle. Nisto um grande gafanhoto que o vira, dirigiu-se-lhe perguntando-lhe o que o trazia por ali.

Compadre sapa contou-lhe a sua vida e quiz saber se ali não haveria alguma princeza que quizesse casar com elle. O gafanhoto que viu logo a validade do compadre sapa, quiz dar-lhe uma lição. Levou-o até sua casa, mostrou-lhe a mulher que era sua prima, e seus filhos. Fez-lhe ver como eram felizes. Depois levou-o a passear. Logo adiante, morava um casal de grilos que viviam muito contentes cantando a toda a hora. Um pouco mais longe, duas borboletas volteavam no ar, ora beijando-se, ora pousando numa ou noutra flor. No meio do trigo, um casaliço de pardais procurava com avidex alimento para os filhitos. Mesmo junto d'elles, passavam duas formigas ajudando-se mutuamente no transporte duma palhiuva. E ainda um outro casal de moscas espanejava-se ao sol, muito satisfeito. Então o gafanhoto, voltando-se para o compadre sapa, disse-lhe: — «Acabas de ver como todos esses casais são perfeitos e felizes, porque cada um escolheu a sua companheira no meio a que pertencia, sem procurar nenhuma princeza ou rainha. Tu não viste uma formiga casada com uma borboleta ou uma andorinha com um gafanhoto. Procura pois noiva entre os da tua espécie e deixa-te de sonhos loucos e vaidosos».

Compadre sapa quando isto ouviu, ficou muito enver-

gonhado e compreendeu a figura que andara fazendo. Voltou para a sua terra e casou com a comadre sapa que, apesar da maneira rude como elle a tinha tratado, continuava querendo-lhe bem. Foram muito felizes porque o compadre sapa nunca se esqueceu da lição que lhe dera o gafanhoto. Os imbecis e os vaidosos julgam-se sempre superiores aos outros. Mas tarde ou cedo, vem o dia em que lhes cai a venda dos olhos e compreendem então a pobre figura que fizeram.

FIM.

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanheiro, Retrazero, Soparia e Gravata
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas

R. do Mercado, 118 a 120 — SUGUROSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS, A PREÇOS BARATISSIMOS

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras
Grande sortido em flôres artificiais.

Rua Coronel Pereira da Silva, 15 (Bairro Económico da Ajuda)

Subir - Descer

(VERSÃO DO ESPANHOL)

Tu vais subindo desta vida a encosta,
Que te parece até final florida:
Eu desço já pela vertente oposta...
Ai! como é rude esta fatal descida!...

E' essa a lei da existência humana:
Subir, descer, num infernal vai-vém.
E a lei a todos sem excepção irmana,
Quem mais subir mais descera também.

No horizonte da tua vida em flor
Brilha o sol quente das manhãs radiosas,
P'ra mim o sol já não tem calor,
Gela-me o vento que desfolha as rosas.

Também eu tive alvorecer florido,
Julguei a vida interminável sonho,
Ideal de amor nunca jamais traído,
Grata promessa dum porvir risonho.

Também no alvor da minha infância amena
Fui embalado com subteis carinhos,
Tal como a brisa, ao perpassar serena,
Embala e beija, no arvoredo, os ninhos.

Minha alma ansiosa de prazer, em breve
Desiludida, fica triste e só,
Qual mariposa que em seu vôo leve
Perde das azas o dourado pó.

Vil sedutora, a sociedade então
Abriu-me as portas dos salões do vício,
Mostrou-me o céu numa febril paixão,
Mostrou-me a vida em soturnal boféio.

Mas, quando o livro da experiência abri,
Senti de angústia a minha alma presa
P'la atroz sentença que nêle eserita vi:
«E's nada, homem, se não tens riqueza».

Amei com fúria e, dêsse amor distante,
Tão só ficou recordação saudosa:
Foi meigo brilho duma estrela errante,
O despontar duma manhã formosa.

O amor da pátria me inspirou cantares,
Hinos de paz e de altivez solene;
Mas vi a turba a profanar altares,
Manchando a pátria numa orgia infrene.

Amigos tive que supuz leais
E me adularam ao sorrir-me a sorte,
Mas nos momentos para mim fatais
Vi-os fugir como quem foge à morte.

Que dolorosas e cruéis lembranças!
P'ra que evocar a hora assim passada?
Da funda cova onde enterrei esperanças
Fiz de ilusões a sepulcral morada.

Ergue o teu vôo em caricioso ambiente,
Sobe ao azul do ideal lirismo.
Vais de olhar fito num fanal ridente,
Eu desço em trevas ao profundo abismo.

Alfredo Gameiro.

AGRADECIMENTO

Izabel Viegas e José Viegas vêm por este meio testemunhar publicamente a sua gratidão para com M.^{elle} Edith Costa, distinta aluna do 9.º ano do Conservatório Nacional de Música, que com os seus conhecimentos musicais e pela maneira delicada como desempenha as suas funções de explicadora, conseguiu, para sua filha Flavia, as excellentes médias de 12 e 16 valores.

Embora estas palavras vão ferir a modestia da dedicada explicadora, não podem os abaixo assinados testemunhar doutro modo a sua imperecível gratidão e estima.

(aa) Izabel Viegas e José Viegas.

RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais
de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na
RELOJOARIA

DE

Albano Machado

C. da Ajuda, 162 - Telef. B. 236

LISBOA

Club de Football Os Belenenses

Organizado por uma comissão de sócios dêste Clube, realiza-se no próximo dia 6 do corrente, pelas 20 horas, no Hotel Internacional, um banquete de homenagem à categoria de honra de futebol.

As listas de inscrição, encontram-se patentes nos seguintes locais:

Séde do Clube, Rua da Junqueira, 279; Delegação, Rua dos Sapateiros, 231, 1.º; Casa Buttuler, Rua Barros Queiroz 37 a 39 e Quiosque Sport, Praça Afonso de Albuquerque, Belém.

João Mendes

Vinhos recebidos directamente
de Torres Vedras, das melhores qualidades

TABACOS

ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE

Calçada da Ajuda, 136 e 138—LISBOA

(a esquina da Travessa da Boa Hora)

VINHOS DE CHELEIROS



MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região, encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109-117	Calçada da Ajuda, 95 97
Rua da Junqueira, 293 B 293 D	Calçada da Ajuda, 154-156
Rua Leão de Oliveira, 36 38	Calçada da Ajuda, 212-216
Largo 20 de Abril Calvario, 1	Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone Belém 551

LISBOA

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216—LISBOA

TELEFONE BELEM 367

Ceramica de Arcolena

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.º)

Sucessor: FERNANDO ANONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33—LISBOA

TELEFONE BELEM 56

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES
Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio
Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)
TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes
 Director técnico—**JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico**
CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.
VIRGILIO PAULA—Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA— Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA— 4^{as} feiras ás 9 h.
Serviço nocturno às sextas-feiras
Calçada da Ajuda 222 — LISBOA—Telef. B. 456

“As Pupilas do Sr. Reitor”, no Belém-Club

Foi finalmente no sábado passado que subiu à cena, no palco do Belém Club, a opereta de costumes portugueses «As pupilas do Sr. Reitor», extraída do muito conhecido romance de Julio Diniz, pelo escritor teatral e poeta Penha Coutinho, com música do maestro Filipe Duarte.

Dizer o que é esta peça, é tarefa que julgamos desnecessária, porquanto estamos convencidos que nenhum dos nossos leitores desconhece o romance. Nota-se na adaptação falta de enredo, mas não deixa de ter saído feliz, embora fora dos moldes do teatro moderno, o que não admira por ter sido feita há muitos anos.

A interpretação, a cargo de amadores do Belém-Clube, constituía um conjunto que trabalhou de modo a merecer os mais francos e entusiásticos aplausos.

Se atendermos a que os intérpretes eram simples amadores, temos que calcar aos pés o nosso proverbial derrotismo, e associar os nossos aos aplausos da assistência.

Se atendermos também a que o género opereta é de difícil interpretação, principalmente para amadores, mais nos convencemos que os aplausos foram justos.

E' certo que a beleza da peça reside no canto, e que a maior parte dos amadores não possuíam voz para tal; contudo, este inconveniente não tirou à interpretação metade do seu valor.

A' falta de movimento dos coros compensou o bom desempenho do seu papel, mercê duma encenação criteriosa, devida a Casimiro Janeiro, que incansável e pacientemente a orientou, de modo a satisfazer-nos.

De resto, como já atrás dissémos, o conjunto artístico foi muito bom, fazendo até com que algumas deficiências individuais passassem desperce-

bidas. A parte musical agradou-nos completamente.

Se analisarmos, individualmente, a interpretação, manda a justiça que salientemos o trabalho de Noélia Homem de Figueiredo, indiscutivelmente a que melhor desempenhou o seu papel, tanto em Joana como em Francisquinha. E' uma pequena com muito valor e que, bem encaminhada, irá longe. Demonstrou intuição, revelando-se uma artista consummada.

A' gentil actrizinha, com seu terno sorriso feito de ingenuidade e malícia adoráveis, apresentamos os nossos parabens.

Edith Costa e Maria Cremilde Brandeiro incarnando, respectivamente os personagens de Margarida e Clara, foram insinuantes, graciosas e inteligentes, declamando bem e cantando agradavelmente. As suas vozes, embora fracas, são harmoniosas e bem timbradas.

Otilia de Barros, que demonstrou todo o seu valor quando da representação do «Sabão n.º 13», confirmou agora os seus créditos como boa amadora, desempenhando admiravelmente o papel de Teresa.

Para Brásia, Rosa e Matilde (Maria Costa, Maria Manuela e Maria Celeste), vão as nossas felicitações pelo seu bom trabalho.

Se no elenco feminino houve uma revelação, também no masculino, Carlos Alberto, em Pedro, mostrou que tem aptidões para amador teatral. Tratando-se dum estreado, e atendendo a esse facto, foi, quanto a nós, o que melhor desempenhou o seu papel, não falando de Noélia Homem de Figueiredo, cujo magnifico trabalho a coloca em primeiro lugar.

Carlos de Sousa (Reitor) e Silva Coelho (José das Dornas), confirmaram os seus méritos artísticos como amadores da velha guarda, para quem o tablado não tem segredos. O papel ingrato e estenuante de José das Dor-

nas teve em Silva Coelho um optimo intérprete.

Estevam Reis (João Semana) e Manuel Mesquita (João da Esquina), agradaram-nos, mercê da sua naturalidade e graça, se bem que o trabalho do primeiro fôsse, para nós, mais perfeito que o do segundo.

Virgilio Barroso é um amador a quem não podemos negar inteligência e valor; porém, foi mal escolhido para incarnar Daniel. Notámos que estava fóra do seu género, motivo porque não brilhou como era de esperar, e como as suas qualidades de amador faziam acreditar.

Lucas, Gregório e Joaquim (Aires Martins, Rui Marques e Carlos José) trabalharam para um bom conjunto.

Os coros, constituídos por Aida Paiva, Albertina Estela Homem de Figueiredo, Aprilia Pires, Aurora Santos, Diamantina Salvaterra, Maria Anette Pimentel, Maria da Conceição Salvaterra, Maria G. Salvaterra e Maria de Lourdes Homem de Figueiredo e por Duarte Abreu, Icaro de Carvalho, Joaquim Almeida Costa, José Pimentel, Manuel L. Silva, Manuel Lop-s, Manuel Oliveira, Romulo Trindade e Tito Rocha Lopes, bem, embora, como já dissemos, pouco movimentados.

Finda esta nossa apreciação, que não tem pretensões a critica, e que é simplesmente filha da imparcialidade, resta-nos felicitar cordealmente todos os que trabalharam para que «As pupilas do Sr. Reitor» subisse à cena, especializando Casimiro Janeiro, o ensaiador, que encontrou uma optima colaboradora na illustre pianista D. Lucinda Espada Duarte, no tocante à parte musical.

No dia seguinte, domingo, subiu novamente à cena «As pupilas do Sr. Reitor», tendo os amadores desempenhado os seus papeis como na véspera.

A. M. Pereira.

LIBREIRO, L.^{DA}
Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427
LISBOA
Géneros alimentícios de primeira qualidade
 Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mesa
LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas
SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA
 Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos
R. Mercês, 104 (Ajuda)—LISBOA—Telef. B. 496

AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos felhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}
Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948-28941

A árvore, a vida e a morte

(Continuado da 1.^a página)

servirá de azas ao pensamento — ao pensamento que também é luz.

«Escreve um livro, faz um filho ou planta uma árvore»...

E' que a árvore também tem um sentido de eternidade — e que maior sentido de eternidade pode haver do que o dêsses guardiões de túmulos, graves e austeros como certas estátuas gregas, que são os ciprestes?

¿E não são verdadeiros lamentos de eternidade, soluços de todos aqueles que já transpuzeram os largos porticos da Morte, êsses gemidos arripiantes, profundos, estarrecedores, que as árvores têm nas noites de inverno, quando a ventania as açoita impiedosamente?

¿E não têm um sentido de eternidade essas árvores que surpreendemos à margem de caminhos pouco transitados — árvores que nenhuma brisa perturba e que, em uma quietude longa, parecem meditar, meditar profundamente sôbre todos os segredos da vida, sôbre todos os enigmas da morte?

A árvore é um dos mais belos, senão o mais belo adorno da Natureza — e quem existe que, levando em si uma sensibilidade, não se tenha quedado em êxtase a contemplar uma árvore, como se contemplasse o próprio mistério da alma, a própria razão da vida?

Plantemos em vários pontos da nossa freguesia o maior número possível de árvores. Temos locais próprios, como os terrenos da Memória, Largo da Boa Hora, Calçadas da Ajuda e Memória, etc., etc.,

Não deve ser grande a despeza com tal embelezamento de tanta utilidade.

Lançamos a idea às entidades officiais da nossa freguesia, para que, desde que concordem, lhe dêem solução.

Grande Excursão

(IV Excursão Anual)
promovida pelo quinzenário

“O COMERCIO DA AJUDA”
em 30 e 31 de Agosto de 1936

visitando :

Torres Vedras, Caldas da Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Luso, Bussaco, Tomar, Torres Novas e Santarém.

Partida da Ajuda Chegada á Ajuda

Preço da passagem, em magníficos e luxuosos auto-carros:
Esc. 80\$00

A inscrição encerra-se em 15 de Agosto

Inscrições e esclarecimentos na Gráfica Ajudense Ltd., Calçada da Ajuda 176, Telefone B. 757.

De Coimbra, uma das terras que devemos visitar, diz-nos o nosso colaborador Francisco Duarte Resina, numa carta que dali nos envia, o seguinte :

«A correr, como quem vem fugindo,

aqui vim parar a esta linda terra, como linda é toda a Beira, como lindo é todo o nosso Portugal!

E' a segunda vez que aqui venho, e não me canso de ver o que aqui há de belo e interessante.

Só tenho pena de não poder demorar-me o tempo suficiente para bem admirar todas estas belezas.

Felizes os que o podem fazer.

«A beleza da paisagem coimbrã — diz Marques dos Santos — o encanto do rio, deleitoso caudal que nasce e morre em terras portuguesas, serpeando desde a mais alta serra, atravessando mil jardins floridos, até se perder no Oceano azul das caravelas, têm feito vibrar a lira imortal de Camões, Garret, Castilho, João de Deus, Junqueiro, Antero do Quental e tantos outros, cuja alma paira em êxtasis e se integra e dilue na beleza sempre maior da cidade esplendida».

Terra de amores, lhe chamou um poeta, e outro mimôso poeta, Cardoso dos Santos, dedicou-lhe os seguintes versos :

«Coimbra, fonte de amores,
aljava de brandas setas,
onde se formam doutores,
onde se fazem poetas.

Coimbra de maravilha
onde a alegre mocidade
em deleitosa cartilha
soletra amor e saudade!»

Que mais é necessário dizer para justificar a nossa ida ali? Nada.

Dr. José Reis

Médico-interno dos Hospitais

Médico auxiliar da Assist. Nac. Tuberculosos

Clinica geral-Coração e pulmões
Doenças das creanças - Sifilis

Consultas às 10 horas e às 19 horas
Chamadas a qualquer hora

Calçada da Boa-Hora, 151

Telef. Belém 346

Lucinda Baptista

PARTEIRA

diplomada pela Faculdade de Medicina de Lisboa

Travessa da Boa-Hora, 30, r/c. E.

(Junto à igreja)

Partos a 50\$00 às classes pobres.

Consultas grátis

Assistência gratuita a indigentes